

CELAM Centro de Pastoral Bíblica para a América Latina
Estudo bíblico básico para a Lectio Divina do Evangelho dominical
Quarta Páscoa – 13 de abril de 2008

A dinâmica do seguimento do Bom Pastor Ressuscitado:

O discípulo escuta a sua voz, segue-o e vive plenamente

João 10,1-10 See More

*"Ninguém pode ter a verdadeira e certa
esperança de viver eternamente se não reconhecer
a vida que é Cristo e não entrar no redil pela
porta"*

(Santo Agostinho)



***"Ele chama as ovelhas pelo nome e as conduz para fora...
As ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz."***

"Deus eterno e todo-poderoso,
conduzi-nos às alegrias celestiais, para que o
vosso débil rebanho alcance o
reino onde o seu poderoso
Pastor, Jesus Cristo, nosso Senhor, os precedeu.
Amém"

(Oração da Coleta para este Domingo)

Introdução

Na pedagogia bíblico-espiritual da Igreja, a alegoria do Bom Pastor é proclamada no quarto domingo da Páscoa porque quer nos ajudar a tomar consciência de que Jesus é o Pastor que deu a própria vida para nos dar a vida e agora está no meio de nós guiando-nos na história como o Ressuscitado.

Quando os primeiros cristãos começaram a representar Jesus, a imagem mais frequente era a do Bom Pastor, que encontramos nas pinturas murais das catacumbas. Ali Jesus é apresentado como aquele que veio cuidar da humanidade perdida, como aquele que cuida de cada homem e quer reconduzi-lo a Deus.

Esta bela imagem de Jesus "Bom Pastor" indica o cuidado incansável de como Ele arrisca tudo por nós e descreve também o estilo de "Vida Nova Pascal" que caracteriza cada discípulo de Jesus.

E este estilo de vida, de amor incondicional e marcado pela entrega da Cruz, é o que deve caracterizar cada discípulo de Jesus, particularmente aqueles que -em nome do Senhor- guiam as comunidades. Como não recordar aqui as palavras do Papa Bento XVI em sua homilia na solene Eucaristia do início de seu pontificado, em 24 de abril, há três anos:

“Era costume no antigo Oriente que os reis se autodenominassem pastores de seu povo. Era uma imagem de seu poder, uma imagem cínica: para eles, as cidades eram como ovelhas das quais o pastor podia dispor como quisesse. Pelo contrário, o pastor de todos os homens, o Deus vivo, fez-se cordeiro, pôs-se ao lado dos cordeiros, daqueles que são pisoteados e sacrificados. É precisamente assim que Ele se revela como o verdadeiro pastor: «Eu sou o bom pastor [...]. Dou a minha vida pelas ovelhas”, diz Jesus de si mesmo (Jo 10, 14s.). Não é o poder que redime, mas o amor. Esta é a marca de Deus: Ele mesmo é amor.

Preparemo-nos agora para entrar na lectio de João 10,1-10, estabelecendo-nos primeiro com algumas linhas do contexto pastoral e depois observando as características do pastor por excelência, Jesus, e sua relação com as ovelhas. Tenhamos presente que este é um texto que fala à Igreja e a cada discípulo em particular. Para a Igreja, é um “registreris” de como os “pastores” devem se assemelhar a Jesus, sempre motivados pelo amor e, como ele também, tornando-se educadores da liberdade no Espírito Santo. Recorda a cada discípulo em particular quais são os elementos distintivos que dinamizam o "seguimento" do Senhor.



1. Alguns pontos iniciais sobre o “Pastor”

1.1. “Pastor” indica relacionalidade

Para entendermos a importância do tema do Pastor na Bíblia, é bom refrescarmos um pouco o contexto.

Os beduínos do deserto dão-nos hoje uma ideia do que outrora era a vida quotidiana nas tribos de Israel: nesta sociedade, a relação entre o pastor e o rebanho não é apenas de natureza económica, baseada nos juros, no lucro que o pastor pode levar as suas ovelhas para subsistir a si e à sua família: tirar-lhes a lã, beber-lhes o leite, fazer deliciosos assados com a sua carne, vendê-las quando precisam de dinheiro, etc. Em outras palavras, não é uma relação de “propriedade”.

No mundo da Bíblia, como também hoje acontece com os beduínos do deserto, desenvolve-se uma relação quase pessoal entre o pastor e seu rebanho. Dia após dia eles passam juntos em lugares solitários olhando um para o outro, sem ninguém por perto. O pastor acaba por saber tudo sobre cada ovelha e cada ovelha reconhece e distingue, entre todas, a voz do seu pastor, que fala com ela frequentemente.

1.2. Na história da revelação esta imagem aparece com frequência

Precisamente porque a relação do Pastor com as suas ovelhas representava uma das relações mais estreitas que se podiam observar na vida quotidiana de um israelita, explica-se porque Deus usa este símbolo para exprimir a sua relação com o seu povo eleito e com toda a humanidade. Um dos Salmos mais belos do Saltério descreve a certeza que o orante tem de que Deus é o seu Pastor: ***“O Senhor é o meu pastor, nada me faltará” (23,1).***

Mas isso também se aplica às relações humanas, daí a Bíblia o título de pastor também é dado, por extensão, também a todos aqueles que imitam a urgência, a dedicação de Deus para o bem do seu povo. É por isso que os reis nos tempos bíblicos são chamados de pastores, assim como os sacerdotes e, em geral, todos os líderes do povo.

Nessa ordem de ideias, quando os profetas Jeremias e Ezequiel se referem aos líderes do povo, eles os chamam de pastores, mas não mais para se referir à imagem que devem projetar, de segurança, de proteção, mas ao que realmente são: líderes pessoas irresponsáveis que chegam a cometer crimes para tirar vantagem de sua posição através da exploração e opressão (a citação de Jeremias 23,1 também é clara: ***“Ai dos pastores que deixam as ovelhas de meus pastos se perderem e se espalharem !”***).

Ao lado da imagem do bom pastor aparece a do mau pastor ou do mercenário.

No profeta Ezequiel, no capítulo 34, encontramos um tremendo julgamento contra os maus pastores que alimentam apenas a si mesmos, o que leva Deus a decidir cuidar de si mesmo.

pessoalmente do seu rebanho: **"Eis-me aqui; Eu mesmo cuidarei do meu rebanho e cuidarei dele"** (Ezequiel 34:11).

1.3. A grande responsabilidade de um pastor: a vida das ovelhas

O critério para distinguir um bom e um mau pastor era o seu sentido de responsabilidade. O Pastor na Palestina era totalmente responsável pelas ovelhas: se algo acontecesse com alguma delas, ele tinha que provar que não era sua culpa.

Vejam rapidamente algumas citações impressionantes:

Amós 3:12: **"Como o pastor salva duas patas ou a ponta de uma orelha da boca do leão, assim os filhos de Israel serão salvos."** O pastor deve salvar tudo o que puder de suas ovelhas, mesmo que sejam as pernas ou a ponta da orelha de suas ovelhas.

Êxodo 22,9.13: **"Se um homem dá a outro uma ovelha ou qualquer outro animal para guarda, e eles morrem ou sofrem danos ou são roubados sem que ninguém veja... ele terá que restituir"**. Neste caso o pastor terá que jurar que não foi sua culpa (v.10) e trazer provas de que a ovelha não morreu por sua causa e que ele não pôde evitar.

Em suma, o pastor arrisca tudo pelas suas ovelhas, mesmo lutando tenazmente contra as feras, exibindo toda a sua força e até arriscando a sua vida, como vemos David heroicamente fazer com a sua: "Quando o teu servo guardava o rebanho de seu pai e o leão **ou vinha um urso e pegava uma ovelha do rebanho, saía atrás dele, batia nele e arrancava-lhe a mandíbula, e ele se voltava contra mim, agarrava-o pela mandíbula e batia nele até matá-lo"** (1 Samuel 17 : 34-35).

1.5. A pressa do Pastor: um amor que vivifica

Tudo o que vimos antes é o que Deus faz com os seus. As orações bíblicas, como o Salmo 23 deixa claro, encontraram na imagem de Deus-Pastor sua verdadeira face: seu amor, sua preocupação e sua dedicação a eles. Em Deus eles encontraram sua confiança para as provações da vida. Eles tinham esta convicção em suas mentes e enraizada em seus corações: "Sim, como um bom pastor, Deus arrisca tudo por mim".

Eles tinham certeza de que Deus estava sempre cuidando deles e lutando por eles. Assim pregou o profeta Isaías: **"Como ruge o leão e o filhote sobre a sua presa, e quando todos os pastores são convocados contra ele, ele não se intimida com as suas vozes, nem se deixa abater pelo seu tumulto; tal será a descida de Yahveh dos exércitos para guerrear no monte Sião e na sua colina"** (Isaías 31:4).

E no texto de Ezequiel, que já mencionamos, vemos que nada escapa ao empenho e ao amor de Deus-Pastor: **"Procurarei a ovelha perdida, devolverei a desgarrada, curarei a ferida, consolarei os enfermos"** (Ezequiel 34,16).

2. Leitura de João 10,1-10

Leiamos agora com muita atenção o texto de João 10,1-10:

Em certa ocasião, Jesus disse:

¹ *“Em verdade, em verdade vos digo: quem não entra no redil pela porta, mas sobe por outra, é ladrão e assaltante;*

² *mas o que entra pela porta é o pastor das ovelhas.*

³ *A este o porteiro abre, e as ovelhas ouvem a sua voz; e suas ovelhas ele as chama uma a uma e as conduz para fora.*

⁴ *Depois de ter tirado todas as suas, vai adiante delas, e as ovelhas o seguem, porque*

eles conhecem a sua

⁵ *voz. Mas não seguirão o estranho, antes fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos”.*

⁶ *Jesus contou-lhes esta parábola, mas eles não entenderam do que ele estava falando.*

⁷ *Então Jesus lhes disse novamente:*

“Em verdade, em verdade vos digo: Eu sou a porta das ovelhas.

⁸ *Todos os que vieram antes de mim são ladrões e salteadores; mas as ovelhas não os ouviram.*

⁹ *Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, estará seguro; ele entrará e sairá e encontrará grama.*

¹⁰ *O ladrão vem apenas para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”.*

2.1. O contexto imediato: a autossuficiência das autoridades e o exemplo radiante de seguimento de Jesus

Para compreender melhor a parábola (ou alegoria) do Bom Pastor, deve-se tomar como ponto de partida a parte final do relato do nascimento cego em João 9,39-41. De fato, se olharmos bem, não há solução de continuidade entre Jo 9.41 e 10.1.

Os interlocutores de Jesus são os fariseus (9,40). Anteriormente, Jesus, falando de maneira geral, havia dito que tinha vindo a este mundo para um julgamento e que esse julgamento conduz à visão os que não veem e à cegueira os que veem (9,39).

Estas palavras de Jesus são o melhor comentário sobre a história do cego de nascença, na qual se notam duas atitudes: a do cego curado, que fez um progressivo caminho de abertura à fé (ver as notas do 4º Domingo passado da Quaresma) e a também progressiva atitude de fechamento para com Jesus por parte das autoridades judaicas.

Em outras palavras, as autoridades religiosas judaicas acreditam que sabem tudo sobre Deus e governam sobre Jesus, enquanto o cego curado a cada vez vislumbra quem mais ele é em sua busca pela fé. Esta é a "cegueira" e a "visão" de que fala Jesus em Jo 9,39-41, ou seja, a auto-suficiência que cega diante da revelação do mistério -que desencadeia o próprio julgamento- e a abertura para crer :

“Quem nele crê não é julgado; / mas quem não crê já está julgado, / porque não acreditou no Nome do Filho unigênito de Deus” (João 3,18)

As palavras finais de Jesus, em 9,41, confirmam o exposto: **“Se fôsseis cegos, não teríeis pecado; mas, como você diz: ‘vemos’, o seu pecado permanece” (9,41)**. Ou seja, se estivessem dispostos a admitir sua necessidade de luz (8,12) estariam prontos para dar o passo, mas como acham que sabem tudo, não permitem a revelação da luz que vem por meio de Jesus. :

**“A Palavra era a verdadeira luz
que ilumina todo homem que vem a este mundo.
No mundo estava...**

**Ela veio para sua
casa, e sua família não a recebeu.
Mas a todos os que o receberam,
deu o poder de se tornarem filhos de Deus.
(João 1,9-12)**

2.2. Primeira parte: A parábola da entrada no redil (Jo 10,1-6)

**“ 1 Em verdade, em verdade vos digo: quem não entra pela porta no aprisco, mas sobe por outra, é ladrão e assaltante;
2mas o que entra pela porta é o pastor das ovelhas.
3A este o porteiro abre, e as ovelhas ouvem a sua voz; e suas ovelhas ele as chama uma a uma e as conduz para fora.
4Depois de ter tirado todas as suas, vai adiante delas, e as ovelhas o seguem, porque eles conhecem a sua voz.
5Mas não seguirão o estranho, antes fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos.”**

Jesus começa indicando que vai dizer algo de grande importância, para isso usa a fórmula solene: **“Em verdade, em verdade vos digo” (10,1ª)**.

Em seguida, enuncia uma parábola centrada na descrição da atividade do pastor. Nela se distinguem duas partes, cada uma caracterizada por um contraste: (1) 10,1-3ª: Duas formas contrastantes de abordar as ovelhas. (2) 10,3b-5: A relação do pastor com as ovelhas e a atitude oposta para com os estranhos.

2.2.1. Duas formas contrastantes de abordar as ovelhas: a identidade do pastor (10,1-3ª)

**“ 1Quem não entra no aprisco pela porta, mas sobe por outra porta, é ladrão e assaltante;
2mas o que entra pela porta é o pastor das ovelhas.
3O porteiro abre para ele”.**

Observe a ênfase no verbo "ser": **“Isso é ladrão e assaltante” / “Ele é pastor de ovelhas”**. Desta forma, a primeira parte da parábola indica - por contraste -

o critério pelo qual se descobre a identidade do “pastor das ovelhas”: **“Aquele que não entra pela porta” / “Aquele que entra pela porta”**.

Assim, existem duas formas de entrar no rebanho que dependem do que você busca: cuidar do rebanho ou, ao contrário, prejudicá-lo. Assim se estabelece a diferença entre o falso e o verdadeiro pastor das ovelhas.

(a) O falso pastor: **“Quem não entra pela porta... sobe por outra...”**

Os que procuram fazer o mal não mostram a cara, introduzem-se sorrateiramente usando um subterfúgio (10,1), porque os que têm segundas ou más intenções não gostam de ser reconhecidos, como Jesus explicou: **“Todo aquele que faz o mal odeia a luz e não vai para a luz, para que as suas obras não sejam acusadas” (Jo 3,20).**

A quem assim procede recebe as duas fortes qualificações de “ladrão” e “ladrão”, dois títulos que indicam ganância, desonestidade e egoísmo. Acima de tudo, seus próprios interesses prevalecem, o resto não importa para ele; sua busca pela ovelha implica subjugação, alienação, exploração e, finalmente, morte para ela.

(b) O verdadeiro pastor: **“Aquele que entra pela porta... o porteiro lhe abre”**

O verdadeiro pastor mostra o seu rosto quando chega à porta e se deixa validar por uma nova personagem da parábola, o porteiro, que decide se é pastor ou não. Obviamente, ao reconhecê-lo, não hesita em deixar o pároco entrar. Jesus também havia dito: **“Ele pratica a verdade, vai para a luz, para que se manifeste que as suas obras são feitas segundo Deus”.** (Jo 3,21).

E não só o porteiro a abre, mas **“as ovelhas ouvem a sua voz”**, estabelece-se entre eles uma relação estreita e vivificante, como veremos a seguir.

2.2.2. A relação do pastor com as ovelhas e a atitude contrastante para com os estranhos (Jn 10,3b-5)

**“ 3...E as ovelhas ouvem a sua voz;
e suas ovelhas ele as chama uma a uma
e as conduz para fora.
4Depois de ter tirado todas as suas,
vai adiante delas, e
as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz.
5Mas não seguirão o estranho,
antes fugirão dele,
porque não conhecem a voz dos estranhos”.**

Uma vez identificado o verdadeiro pastor, vemos como se estabelece a sua relação com as suas ovelhas. Poderíamos dizer também que esta segunda parte da parábola também descreve a verdadeira ovelha com o contraste: **“Eles conhecem a sua voz (do pastor) ” / “Eles não conhecem a voz dos estranhos”**. A primeira frase diz claramente:

“As ovelhas escutam a sua voz”, ou seja, não hesitam em escutar a voz daquele que as guia e, conseqüentemente, **“seguim-no”** com docilidade. Uma excelente caracterização do discípulo do Senhor!

Esta seção inteira poderia ser englobada sob o título **“As ovelhas ouvem a sua voz”**. Aliás, mais adiante, na história da paixão, Jesus dirá: **“Quem é da verdade escuta a minha voz”** (Jn 18,37).

E como isso acontece?

(a) O seguimento do pastor: sendo **“chamado... levado... precedido”** (10,3b-4)

Distinguem-se dois momentos: quando a ovelha é retirada do redil e quando é conduzida pelos prados. Em ambas as ocasiões, a “voz” do pastor desempenha um papel fundamental.

O verbo “tirar” se repete, é uma ação importante. O termo é familiar no vocabulário do êxodo: “tirar” é um ato de liberdade; a esse respeito, alguns comentaristas observaram que nunca se fala em trazer de volta o velho redil.

Bem, o “puxar” é feito chamando: **“ele chama suas ovelhas uma a uma”** (lit: **“pelo nome”**). Cada ovelha sabe o próprio nome e responde imediatamente à voz de quem a chama **“pelo nome”**. O “nome” indica a identidade de uma pessoa, o que a distingue e a torna única, bem como a sua história e características pessoais. A ovelha é conhecida assim. Temos aqui uma descrição sóbria mas eloquente da relação pessoal que o pastor estabelece com cada ovelha: interessa-se por ela, chama-a do fundo da sua identidade pessoal e ela, por seu lado, reconhece a sua voz e responde dirigindo-se para ele e junto com ele.

Então começa a segunda etapa: **“ele vai adiante delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz”** (10,4). Depois de chamadas pelo nome, retiradas do redil e reunidas, as ovelhas são encaminhadas para o pasto. A relação chamada/resposta progride agora para a relação precedência/seguimento: o pastor caminha à frente deles, e eles – certamente com grande alegria – seguem aquele cuja voz lhes é familiar.

O discipulado é claramente descrito com o “ir à frente” do Pastor/Mestre e o “seguir” da Ovelha/discípulo. O conteúdo do seguimento de Jesus é apresentado ao longo de todo este Evangelho, do início ao fim (embora o termo “seguir” seja apenas um dos termos usados por João para descrever o seguimento de Jesus, vale a pena notar: 1,37-38.40.43; 6,2; 10,27; 13,36-37; 18,15; 21,19,22). Mas aqui o que o evangelista nos convida a observar com atenção é o que dinamiza o seguinte: **“eles o seguem porque conhecem a sua voz”**. Sem conhecer a voz daquele que é o Verbo da Vida (1,4) não é possível seguir Jesus.

(b) A fuga diante de estranhos (10,5)

A parábola termina assinalando que as ovelhas não só "**seguem**" Jesus, mas "**não seguem o estranho**" (10,5a). E o argumento é o mesmo: "**porque não conhecem a voz dos estranhos**" (10,5c). É a antítese do versículo anterior.

Não apenas é declarado que eles não seguirão estranhos, mas que "**fugirão**" deles aterrorizados (10,5b). Uma coisa é a indiferença para com o estranho e outra é a fuga. Esta última atitude pode ser lida em dois níveis:

- ÿ Tendo em conta que a voz dos estranhos não é reconhecida, pode ser entendida como capacidade de discernimento por parte do discípulo do Senhor: o discípulo aprende a distinguir o que vem do Senhor e o que não vem.
- ÿ Tendo em conta a conotação do termo fuga, como uma carreira em sentido inverso, pode ser entendida como uma saída resoluto ou, melhor ainda, como uma tomada de decisão radical e profética face a tudo o que não corre conforme ao caminho da vida.

Devemos ter presente que, graças ao conhecimento da voz de Jesus, é possível detectar vozes sedutoras que sugerem caminhos de morte: a escuta do Senhor é a escola dos autênticos profetas!

23. Interlúdio: a incompreensão do público (10.6)

⁶ *Jesus contou-lhes esta parábola,
mas eles não entendiam o que ele lhes falava".*

A história da parábola parece concluída (o padre Alonso-Schökel prefere falar da "primeira variação" da parábola). Na verdade é uma pausa em que o holofote se projeta sobre o auditório.

A comparação proposta em Jo 10,1-5 é chamada aqui com o termo grego "Paroimía", que pode significar em primeiro lugar: provérbio ou enigma; embora de acordo com a terminologia adotada para os outros evangelhos, o termo "parábola" se encaixe bem. Não entramos aqui em considerações sobre o gênero literário "parábola", mas chamamos a atenção -como é evidente- para o fato de que é um ensinamento que requer o exercício do "conhecimento" (como aparece literalmente em grego): "**Mas eles não sabiam (ou reconheciam) o que lhes falava**" (10,6b).

Colocando-nos neste plano do "conhecimento", o evangelista convida-nos a uma correlação entre a atitude das autoridades religiosas judaicas, interlocutoras de Jesus (Jn 9,39-41), e os comportamentos descritos na parábola (Jn 10, 1-5).

Resumindo: as ovelhas ouvem a voz do pastor (v.3b-4), mas os fariseus não ouvem a sua voz, não reconhecem o que lhes diz. Desta forma, o v.6 parece identificar os fariseus (cf. Jo 9,40) com os "ladrões e salteadores" de Jo 10,1.

Isso fica mais evidente se observarmos o comportamento de Jesus, e ao mesmo tempo das autoridades religiosas, no relato do cego de nascença: (1) Jesus cuidou de

Curou a ovelha (cf. Jo 9,6-7) e depois procurou-a (9,36); (2) os fariseus, por sua vez, a rejeitaram (9,34). À medida que o cego curado parecia cada vez mais seduzido por Jesus, os fariseus tornaram-se mais hostis. O ponto fica claro quando eles vêm dizer ao cego curado: **“Tu és discípulo daquele homem; somos discípulos de Moisés” (9,28).**

Esta atitude dos adversários de Jesus face à sua revelação e ao seu consequente seguimento, volta-se para eles como um bumerangue: tornaram-se “estranhos” que não devem ser reconhecidos.

Vale aqui citar o excelente comentário do biblista PHEME PERKINS, que anota sobre Jo 10,6: "Para o leitor que acaba de ser informado da cegueira dos fariseus, é evidente que o autor o aconselha a não preste atenção aos ensinamentos dos fariseus" (NCBSJ).

2.4. Aplicação: uma auto-apresentação clara e direta de Jesus

Depois da parábola dirigida aos fariseus "cegos" que expulsaram o cego curado por Jesus, começa a segunda parte do texto escolhido para hoje, em que Jesus se compara à porta: em contraste com os outros ladrões e ladrões, ele conduz à vida.

Esta segunda parte da passagem começa chamando a atenção do leitor com uma fórmula solene semelhante à do início da parábola: **“Em verdade, em verdade vos digo” (10,7^a; ver 10,1^a; traduz-se: “Garanto-vos que...”).**

Imediatamente, e sem mais delongas, Jesus se revela como o **“eu sou”**. Assim, afirma-se a identidade transcendente de Jesus, pois o "eu sou" é uma alusão ao nome de Javé em Êxodo 3,14. Daí a sua importância absoluta e determinante para a salvação:

- **“Eu sou a porta das ovelhas... Se alguém entrar por mim, salvar-se-á” (10,7b.9ab).**
- **“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (10,10).**

Entre estas duas afirmações enquadra-se uma importante revelação de Jesus (que só se completará com a leitura de Jo 10, 11-18).

Se observarmos bem o texto veremos que nos vv.7-9 predomina o verbo “ser” (“eu sou”, v.7; eles “são”, v.8; “eu sou”, v. 9) e no v.10 o verbo “vir” (“o ladrão só vem para...”, v.10a; “Eu vim para...”, v.10b). Como na parábola de Jo 10,1-5, também aqui se distinguem duas partes em que se jogam os contrastes.

2.4.1. “Eu sou a porta...” (Jo 10,7-9)

“Em verdade, em verdade vos digo: Eu sou a porta das ovelhas.

8 Todos os que vieram antes de mim são ladrões e salteadores; mas as ovelhas não eles ouviram.

9 Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, estará seguro; ele entrará e sairá e encontrará grama.

A imagem da porta já havia aparecido antes em Jo 10,1-2, ali era o lugar correto de entrada para acessar o curral. Agora dá-se um passo em frente: Jesus é esta porta. Um precedente bíblico poderia ser o Salmo 118, que talvez tenha sido interpretado como uma profecia messiânica -sempre sob a luz da Páscoa- no cristianismo primitivo, particularmente o v.20: "Aqui está a porta de **Yahveh, por ela entram os justos**".

Isto significa que só por meio de Jesus se pode ter acesso adequado às ovelhas e que por meio dele as ovelhas podem sair para os amplos espaços da vida representados nos pastos verdejantes, descritos em Jo 10,9.

Aqueles que vieram antes de Jesus são chamados de "**ladrões e salteadores**". Aqueles que antes de Jesus conduziram o povo de Deus, especificamente estes líderes que estão diante de seus olhos e que o rejeitam, assim como aqueles que começam a aceitar sua revelação (por exemplo, o cego de nascença), não são mais reconhecidos como seus líderes: "**as ovelhas não os ouviram**". E como não entraram pela porta, não têm direito às ovelhas.

Por trás da descrição de "ladrões e assaltantes" sente-se a gravidade da irresponsabilidade do líder religioso para com a sua comunidade, como diz D. Moloney, eles se tornaram "provedores de uma esperança messiânica em benefício próprio". Mas as ovelhas já começaram a não lhes dar atenção (cf. Jo 9,24-33) e a seguir Jesus (cf. Jo 9,38).

O que está acontecendo agora com Jesus? O V.9 retoma o v.7 para explicá-lo: Jesus é o mediador (= "**através de mim**", v.9b; é o sentido de uma porta) que vai fornecer às ovelhas tudo o que precisam para viver e quem a dobra é protegida e segura. Em outras palavras, quem "entra" é salvo por ele e quem "sai" encontra um lugar de vida.

Jesus é a mediação da vida. E tudo isso graças à voz que se ouve e se segue: "**Tudo se fez por ela** (o Verbo)... **Nela** (o Verbo) **estava a vida / e a vida era a luz dos homens... A graça e a verdade vieram a nós por meio de Jesus Cristo**" (Jo 1,3.4.17).

O "entrar" e o "sair" conotam também a liberdade de que fala a parábola, em Jo 10,3b-4 (verbo "tirar"). A porta permanece escancarada e aberta, as ovelhas vêm e vão, não são aprisionadas, mas conduzidas para fora e são sempre conduzidas por aquele a quem escutam. Entre a liberdade e a vida estabelece-se uma estreita relação.

E o dom de Deus é dado com toda a magnanimidade. Vale lembrar que a imagem do "**encontrará pastagens**" (v.9d) parece retomar a promessa de Deus em Ezequiel 34,14 que se tornou o desejo do Povo de Deus: "**Ele os apascentará no bem pastos, / e o seu rebanho estará nas montanhas do alto de Israel. / Ali descansarão em bom rebanho; / e eles pastarão em pastagens férteis nas montanhas de Israel.**"

É a serviço disso que todos os pastores de Israel devem se colocar. E é aqui que se questiona o modo de realizar a missão segundo o povo.

2.4.2. “Eu vim para...” (Jo 10,10)

O que Jesus "é" realiza-se na missão para a qual "**veio**". As frases contrastantes "**O ladrão só vem para...**" / "**Eu vim para...**" colocam diante de nossos olhos - de forma comparativa - duas maneiras de se apresentar às ovelhas.

Os verbos "roubar", "matar" e "destruir" aplicados ao ladrão indicam que não há nada de vivificante neles. Correlacionemos com o v.8: aqueles que vieram antes de Jesus e apareceram diante do povo como seus servos não lhe ofereceram a vida de que precisavam, mas usaram-no para manter sua posição privilegiada. Os fariseus e líderes do povo estão definitivamente desqualificados como pastores.

Os três verbos que negam a vida às ovelhas que têm como sujeito o ladrão, se opõem a apenas um que tem como sujeito Jesus: "Dar vida". Agora se diz explicitamente: "**Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância**" (10,10). E não apenas um pouco, mas em abundância.

Esta será a reivindicação inédita de Jesus, aquela que será o motivo de um confronto cada vez mais forte com seus adversários, aquela que finalmente o levará à morte na cruz, na qual -paradoxalmente- espalhará aquela vida abundante sobre toda humanidade, dando a vida com a própria vida.

3. Vamos reler o Evangelho com um Padre da Igreja

“Os fariseus diziam que não eram cegos; mas, para ver, eles tiveram que se tornar ovelhas de Cristo. E como eles afirmavam ter a luz, ficaram furiosos contra o Dia. Foi precisamente para responder à sua vaidosa, arrogante e incurável arrogância que o Senhor proferiu palavras que são para nós, ainda que as consideremos uma salutar advertência.

Na verdade, são muitos os que, segundo um certo ideal de vida, passam por homens bons e honestos, por mulheres virtuosas e imaculadas; observam tudo o que a lei prescreve: respeitam os pais, não são adúlteros, não matam, não roubam, não dão falso testemunho contra ninguém e parece que observam todos os outros preceitos; Eles ainda não são cristãos. E frequentemente se gabam como os fariseus: 'Será que nós também somos cegos?' (João 9:40).

Tendo presente, porém, que todas estas coisas não têm valor, visto que se realizam sem referência ao fim último, na leitura de hoje o Senhor apresenta uma parábola que se refere ao rebanho e à porta pela qual entra no aprisco. Os pagãos, portanto, têm belos discursos: Vivemos honestamente! Mas, se eles não entram pela porta, de que adianta aquilo que eles glorificam? A vida honesta deve garantir a possibilidade de viver para sempre; mas se não é bom para viver para sempre, então para que serve? Também não se pode dizer que aqueles que ignoram cegamente ou desprezam com orgulho o propósito de viver honestamente vivem honestamente. E ninguém pode ter a verdadeira e certa esperança de viver eternamente se não reconhecer a vida que é Cristo e não entrar no redil pela porta.

(Santo Agostinho, “Em empréstimo.” Tr. 45,2-3)

4. Cultivemos a semente da Palavra no fundo do coração 4.1 Que

pastores têm cuidado de mim? Por que devo gratidão a você?

4.2 O que caracteriza o cuidado que Jesus oferece como "Bom Pastor"?

4.3. Estou tentando ordenar a Jesus o que me dar? Deixo-me guiar por Ele?

4.4. O que significa a frase "Eu sou a Porta"?

4.5. Quais são as lições do Evangelho de hoje para a minha vida de responsável de uma comunidade ou de uma família?

Pe. Fidel Oñoro, cjm
Centro Bíblico do CELAM

Estamos colocando em prática o que Aparecida nos pediu?



“Ser discípulos e missionários de Jesus Cristo para que os nossos povos, n’Ele, tenham vida, leva-nos a assumir evangelicamente e na perspectiva do Reino as tarefas prioritárias que contribuem para a dignidade de cada ser humano, e a trabalhar em conjunto com outros cidadãos e instituições para o bem do ser humano.

O amor de misericórdia para com todos aqueles que veem a sua vida violada em qualquer uma das suas dimensões, como bem nos mostra o Senhor em todos os seus gestos de misericórdia, exige que ajudemos as necessidades urgentes, ao mesmo tempo que colaboramos com outras organizações ou instituições organizar estruturas mais justas a nível nacional e internacional.

É urgente criar estruturas que consolidem uma ordem social, econômica e política em que não haja desigualdade e onde haja possibilidades para todos. Da mesma forma, são necessárias novas estruturas que promovam a autêntica convivência humana, que evitem a arrogância de alguns e facilitem o diálogo construtivo para o necessário consenso social.

(Documento de Aparecida nº 384)



“Uma vida vale mais que o mundo inteiro” – Santa Maria Eufrásia Pelletier

Apêndice 1

Sugestões para as outras leituras dominicais

Resumo: Os livros da primeira aliança apresentam Deus como um bom pastor. “O Senhor é o meu pastor, nada me falta”, canta o Salmo 23. No Evangelho de João, Jesus apresenta-se, por sua vez, como o Bom Pastor que veio ao mundo para que todos tenham vida e vida em abundância. Esta imagem é retomada na carta de Pedro: “Vós vagueis como ovelhas, mas agora voltastes ao pastor que cuida de vós”. No discurso de Pentecostes, Pedro apresenta a nova figura de Jesus crucificado: “Deus o fez Senhor e Cristo”.



museu vaticano

Primeira leitura: Atos 2, 14^a.36-41

No final do discurso no dia de Pentecostes, Pedro destaca dois pontos: (1) que eles, seus ouvintes, têm a ver com a crucificação de Jesus e (2) que Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos.

Pedro não quer esmagar seu público sob o peso do remorso, mas sim destacar a obra realizada por Deus: aquele que eles crucificaram foi feito **"Senhor e Cristo"**. Dois títulos reais atribuídos a Jesus. O título "Senhor" tem uma conotação divina: no Antigo Testamento é usado para se referir ao Deus de Israel (traduz o nome de Javé). O título "Cristo" afirma a messianidade de Jesus, agora plenamente realizada por sua morte e ressurreição.

A afirmação do Senhorio de Cristo é dita com tanta força e convicção que os ouvintes se comovem. Eles entendem que a adesão à nova fé significa uma mudança em suas vidas. Crer em Jesus Senhor sem que isso mude algo no comportamento do crente não faz sentido. Pedro pede aos seus ouvintes que mudem de vida (este é o significado etimológico de "converter"). Dê meia volta (como se fosse meia volta) no caminho do mal para enfrentar Deus. Assim se obtém o perdão dos pecados e a reconciliação com Deus, mas também o Espírito Santo, o dom supremo que torna o crente participante da própria vida de Deus.

A fé em Cristo Senhor não leva necessariamente a romper com a fé de Israel, mas sim a meditar nas lições das Escrituras. O termo “povo perverso” descreve o comportamento dos hebreus quando atravessaram o deserto liderados por Moisés: eles se rebelaram contra Moisés.

Salmo 78,8: **“uma geração rebelde e rebelde, uma geração de coração inconstante e de espírito desleal para com Deus”**. Pedro convida a não repetir este comportamento, mas a confiar em Deus.

A pregação de Pedro é bem-sucedida: muitas pessoas aderem ao Senhor Jesus pelo batismo, uma vez que lhe perguntam: "**O que devemos fazer?**"

Salmo Responsorial: Salmo 23

Este salmo é um dos mais famosos do saltério. As três primeiras estrofes (vv.1-4) desenvolvem a ideia de um caminho guiado pela imagem de um Deus pastor do seu povo. Esta imagem aplica-se bem ao Deus do Êxodo, que liberta o seu povo e o conduz através do deserto para uma terra que mana leite e mel. Ele leva em conta no caminho tudo o que pode alimentar seu povo.

Numa releitura cristã, este Salmo pode prestar-se a uma leitura mais pessoal. Deus conduz os seus fiéis pelos caminhos da vida, mostra-lhe o caminho certo e, além dos limites da morte, conduz-o aos verdes prados da bem-aventurança eterna.

As duas últimas estrofes (vv.5-6) são apoiadas por outra imagem: a do anfitrião que recebe de braços abertos o seu hóspede. Segundo os ritos orientais, oferece-lhe exuberantemente perfume e vinho. À sua mesa, ele o convida a sentar-se com segurança, seus inimigos não poderão contra ele.

Na última estrofe, o local de recepção é preciso: o Templo. Ali o salmista deseja terminar seus dias. Com os seus dois companheiros, a "bondade" e a "misericórdia", o orante consegue chegar à presença de Deus, onde nada falta, onde alcança a realização de todas as suas buscas.

Neste Domingo do Bom Pastor, aplicamos também este Salmo a Jesus, que nos conduz pelos caminhos da vida. Com ele, a bondade e a misericórdia nos acompanham todos os dias. As garras da morte não serão capazes de nos engolir. Jesus nos conduzirá à casa do Pai, onde nos espera um cálice transbordante.



Segunda leitura: 1 Pedro 2,20b-25

Pedro se dirige a uma comunidade perseguida. Não os torna uma apologia do sofrimento, mas mostra o seu valor para aqueles que se escandalizam com isso.

Como ideia central da passagem, Pedro propõe experimentar o sofrimento à maneira de Jesus: não se deve responder mal com mal, não se trata de aniquilar o adversário. Em Cristo nada é "contra" nós, mas tudo é "por nós"; o coração purificado de toda vingança está cheio de confiança no Deus em quem ele repousa sua vida. Isso é possível porque o Pai

Ele sempre fez triunfar a sua misericórdia e a sua salvação, que são os dois aspectos da “justiça”.

Observemos atentamente o texto: nos versículos 21-25 encontramos um antigo hino cristão no qual, após uma introdução (v.21), se faz uma releitura de Isaías 53, aplicando a Jesus a profecia do Servo de Javé.

A razão pela qual esta leitura é escolhida para hoje está na última frase: ***"Eles estavam perdidos como ovelhas, mas agora voltaram ao pastor e guardião de suas vidas" (v.25).***

Estas “ovelhas”, que noutra tempo foram dilaceradas (refere-se aos destinatários da carta: os ouvintes desta “homilia pascal”), são agora o rebanho de Jesus, que é o pastor e guardião (literalmente em grego: “bispo” ou “supervisor”).

(JS-FO)

Apêndice 2

Uma base para a homilia

O pastor dos pastores



Depois de nos ter apresentado a ressurreição do Senhor durante três domingos, através da narração das suas manifestações aos discípulos, a liturgia de hoje convida-nos a contemplá-lo vivo como pastor da Igreja, «Pastor dos pastores das ovelhas» (Hebreus 13,20), que indica ao rebanho e aos pastores o caminho a seguir.

Estamos em Jerusalém, e Jesus acaba de curar um cego, num sábado, despertando a indignação dos fariseus. Para revelar a autoridade que o habilita a agir assim, Jesus profere o seu discurso do “Bom Pastor”. Israel conhecia a vida dos pastores: por isso tinham vindo a dirigir-se a Deus como o "Pastor de Israel" (Salmo 80,1), capaz de conduzir os que n'Ele confiam "pelo caminho certo, por prados de relva fresca e para águas tranquilas" (Salmo 23,1-3).

Para realizar a sua obra, Deus recorreu também a pastores humanos, que deveriam ser mediadores do seu amor, mas por vezes acabaram por “perecer e dispersar o rebanho” (Jeremias 23,1).

A fórmula solene, 'Em verdade, em verdade vos digo', com a qual Jesus abre a sua revelação, é um convite à nossa mente e ao nosso coração. A primeira parte do seu discurso centra-se no contraste entre o verdadeiro pastor e aquele que, mesmo se autodenominando assim, comporta-se como ladrão e mercenário. O pastor entra

o curral das ovelhas pela única entrada legítima, o portão, enquanto o ladrão se esgueira pelo outro lado.

Tudo o que se segue é consequência: o guardião porteiro - isto é, o Pai - abre-a ao pastor, que chama as ovelhas uma a uma, conduz-as para fora e caminha à sua frente. Eles, em resposta, o seguem porque ouvem e conhecem sua voz.

Assim se descreve a nossa relação com Jesus, o único verdadeiro pastor da nossa vida: uma relação feita de escuta, de conhecimento e de acompanhamento confiante, impossível de estabelecer com outra imagem: "Em verdade, em verdade vos digo: eu sou a porta das ovelhas... Se alguém entrar por mim, salvar-se-á; entrará e sairá e encontrará pastagem.'

As duas imagens, a do pastor e a da porta se justapõem: Jesus é 'o bom pastor que dá a vida pelas suas ovelhas' (Jn 10,11) e é o caminho que conduz ao Pai, o caminho que se fez porta para nós. Ele é ao mesmo tempo o mediador da salvação e a própria salvação: o estilo com que viveu a sua existência tornou-se o caminho que nós, discípulos, somos chamados a percorrer, se quisermos ver a nossa vida salva.

Pelo contrário, Jesus diz, 'todos os que vieram antes de mim são ladrões e salteadores, mas as ovelhas não os ouviram'. Aqui Jesus não se refere aos personagens da primeira aliança. De fato, por ela passaram os fiéis pastores e profetas e Israel, de Abraão a João Batista, mas outros vieram com pretensões injustificadas: os falsos messias e profetas que buscavam sua própria glória. Os falsos pastores que foram duramente criticados por Jeremias e Ezequiel.

Mas o olhar de Jesus dirige-se sobretudo aos pastores da sua Igreja: «O ladrão só vem para roubar, matar e destruir, eu vim para que tenham vida». Aqueles que na Igreja realizam o serviço de guiar o rebanho são advertidos: a alternativa é ser pastores que cuidam com amor das ovelhas e lhes dão vida em abundância, ou ladrões e bandidos que se preocupam em se alimentar. E o modelo que se apresenta diante dos seus olhos é um só: Jesus, "o Pastor dos pastores" (1 Pedro 5,4), que "se compadeceu ao ver as multidões, porque andavam como ovelhas sem pastor" (Mc 6 ,3.4).

(Enzo Bianchi, Comunidade Bose)

Anexo 3

Pistas para os animadores da liturgia



Mosaico do Bom Pastor – Mausoléu de Galla Placidia - Ravenna

I A figura de Cristo, considerada na sua relação com cada crente e com toda a Igreja, domina toda a liturgia deste domingo. Jesus é a Porta. As portas de nossos templos nos lembram dessa verdade. Mas, entre todas elas, a principal deve ser para todos os fiéis um chamado a entrar por Cristo, a "Porta" que nos conduz com segurança ao acolhimento acolhedor do Pai, para saborear a abundância da jubilosa festa da salvação.

II

Jesus “chama as ovelhas pelo nome”, dando a cada uma uma “vocação” única. É por isso que neste dia se celebra o Dia Mundial das Vocações, especialmente aquelas para uma consagração especial: não se trata apenas do chamado ao ministério sacerdotal, mas também de todas as vocações que o Pastor suscita para segui-lo radicalmente. Leiamos pessoalmente e em comunidade a Mensagem que o Papa Bento XVI nos dirigiu este ano por ocasião deste Dia: "As vocações ao serviço da Igreja-Missão" http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/mensagens/vocações/documentos/hf_ben_xvi_mes_20071203_xlv-vocations_sp.html

III

A celebração litúrgica da Missa dominical certamente não deixará de dar expressão à solicitude de Cristo e da Igreja pelas vocações. Acima de tudo, a homilia, mais do que uma dissertação sobre o assunto, deve celebrar Cristo: é Ele quem chama e Ele é o modelo. Devemos valorizar também a oração dos fiéis, num balanço fecundo entre a Palavra proclamada e as necessidades sentidas pelo Povo de Deus.

IV

Para os leitores.

Primeira leitura: O texto tem várias vozes e tons: o narrador, a fala de Pedro, o diálogo dos ouvintes com os apóstolos. O leitor saberá, sem teatralidade excessiva, como modular sua voz. Atenção com algumas palavras: “eles crucificaram”, “eles traspassaram”, “ele os instava” (persuadiu), etc.

Segunda leitura: Preste atenção à divisão do texto: Leitura da primeira carta do Apóstolo São Pedro///// Queridos irmãos/// ...paciência/ ..faça o bem// (siga distinguindo as pausas até o final, não é um texto fácil).

(VP-FO)

Anexo 4

Rezar pelas vocações

Neste domingo pedimos ao Senhor "pastores" para a sua Igreja. Mas não apenas um grande número, mas sobretudo pastores de qualidade, pessoas que carregam no coração o que Jesus tinha no dele: mais amigos que professores, mais companheiros que vigias, mais educadores da liberdade que normativos, sobretudo pessoas respeitadas, afetuosas, que ensinam mais pelo que são do que pelo que dizem. Em outras palavras, santas vocações.

"Senhor Jesus Cristo, Bom Pastor (Jo 10, 1ss)...



Ícone do Mosteiro Beneditino de Santa Maria de los Toldos

*que dissestes 'Rogai ao Dono da messe
que mande trabalhadores para a sua
messe' (Lc 10,2),
pedimos-vos suplicantes, por intercessão da bem-aventurada
Virgem Maria, vossa Mãe, e com
todos os santos sacerdotes , que
envies à tua vinha trabalhadores fiéis, que façam
todos os sacerdotes dignos
ministros dos altares sagrados (Hb 8,2), e conceda
à tua Igreja muitos outros sacerdotes e
pastores segundo o teu Coração (Jr 3,15), para que com vós e com
eles mereçamos oferecer ao Pai eterno a hóstia de louvor eterno (Sl 115,17; Ef 5,2; Hb 13,15).
Você que vive e reina para todo o sempre. Amém".*

(São João Eudes)